

## NOS ENREDOS DE VIVÊNCIAS DE ADEMAR VIDAL: CONSTRUÇÕES DE AFETIVIDADES E INTELLECTUALIDADE

### THE PLOTS OF EXPERIENCES OF ADEMAR VIDAL: CONSTRUCTIONS OF AFFECTIVITY AND INTELLECTUALITY

Maria Joedna Rodrigues MARQUES\*

**Resumo:** Este artigo faz parte de uma pesquisa desenvolvida em torno da obra e vida do intelectual paraibano Ademar Vidal (1897-1986). Para este texto, optamos por destacar a apresentação de alguns traços biográficos e do lugar social de Vidal na intenção de compreender seu processo de erudição. Partimos da problematização do sujeito descrito por Alice Vidal no livro *Ademar Vidal: para não esquecer* (2010), destacamos o sujeito narrado e memorizado. Seguindo neste caminho, nos direcionamos para aspectos da sua formação intelectual, sua atuação em instituições, grupos sociais, trocas epistolares e encontros com outros intelectuais. Essas vivências e espaços influenciaram Ademar Vidal e sua produção no campo cultural, com ênfase nos estudos folclóricos da década de 1940 e consequentemente a formulação de uma identidade cultural para Paraíba. Dialogamos com Sérgio Vilas Boas (2008), Jean-François Sirinelli (2003) e Aleida Assmann (2011).

**Palavras-chave:** Biografia; Memória; Intelectualidade; Ademar Vidal.

**Abstract:** This article is part of a research developed around the work and life of the intellectual Ademar Vidal (1897-1986). For this text, we chose to highlight the presentation of some biographical features and Vidal's social place in order to understand his erudition process. Starting from the problematization of the subject described by Alice Vidal in the book *Ademar Vidal: para não esquecer* (2010), we highlight the narrated and memorized subject. Following this path, we turn to aspects of his intellectual formation, his activities in institutions, social groups, epistolary exchanges, and encounters with other intellectuals. These experiences and spaces influenced Ademar Vidal and his production in the cultural field, with emphasis on the folklore studies of the 1940s and consequently the formulation of a cultural identity for Paraíba. We dialogue with Sérgio Vilas Boas (2008), Jean-François Sirinelli (2003) and Aleida Assmann (2011).

**Keywords:** Biography; Memory; Intellectuality; Ademar Vidal.

#### *Introdução*

“[...] o sujeito compreendido pelo biógrafo não é o sujeito; a interpretação de uma obra não é a obra e muito menos a arte.” (BOAS, 2008, p. 32).

---

\* Mestranda em História - Programa de Pós-graduação em História - Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Natal, RN - Brasil. E-mail: joednarodrigues@gmail.com.

Evidencia-se a partir das discussões contemporâneas que narrar uma história de vida perpassa por uma série de percepções, intenções e lacunas, principalmente, com a enfática *ilusão biográfica* de Pierre Bourdieu, na qual critica a tentativa de construir um “relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção” (BOURDIEU, 2006, p. 185). Desta forma, não conseguimos abarcar um sujeito em um todo e narrar suas vivências em plenitude, sem recortá-las, selecioná-las e até silenciar algumas. Assim, as lacunas são bem vindas e necessárias.

Se por um lado, Bourdieu nos questiona sobre os enredos prontos e acabados na narração de uma história de vida, em uma perspectiva linear, um roteiro perfeitamente amarrado, apontando as “tendências naturais” ao sucesso ou fracasso, ou seja, uma vida previsivelmente já escrita e destinada; por outro, alguns escritores cometem o erro de cortar o sujeito em única face ou perspectiva, sem considerar a própria complexidade do homem e suas vertentes, personalidades e singularidades, ou ainda, o entremeio dessas vertentes. Assim, por exemplo, ao enaltecer o escritor esquecemo-nos de pensar no sujeito privado, nos desafios pessoais que também compuseram sua obra, a motivaram, impulsionaram e permitiram. Além de suas colaborações familiares no processo de criação. Silenciamos em muitos momentos o sujeito, enaltecendo e evidenciando sua dimensão pública para enfatizar sua produção, mesmo que o entrelaçar dessas vertentes/personalidades tenha sido fundamental na singularidade de seus escritos ou trajetórias.

Ainda para Vilas Boas, a “biografia é a vida de uma pessoa (acima de tudo) narrada com arte por outra pessoa. Incluo o ‘acima de tudo’ porque há muitas obras de caráter biográfico em que a bio é parcela menos importante.” (BOAS, 2008, p. 22), o mesmo refere-se a supervalorização de uma produção literária, que mantém o seu ator como mero coautor. Assim, o sujeito biografado deve estar “presente” na narrativa, não para servir de “amostra”, ou apenas, como um produtor de algo. Deve-se buscar apresentá-lo, caracterizá-lo enquanto sujeito e ao mesmo tempo, evidenciar as lacunas que constroem essa narrativa de vida. Mas, como fazer isso? Como apresentar um sujeito sem determinismos, predestinações ou reduzir uma vida à sequência de atos cronológicos? Como não cometer o erro destacado por Pierre Bourdieu?

O mesmo alerta a biógrafos para não tratar a história de vida como uma sequência lógica e cronológica, fundamentada e premeditada em grandes acontecimentos ou destaques (BOURDIEU, 2006). Segundo Giovanni Levi em *Usos da biografia* (2006), os historiadores estão atentos a esses processos de elaboração da

história de vida, mas as fontes “não nos informam acerca dos processos de tomada de decisões, mas somente acerca dos resultados destas, ou seja, acerca dos atos. Essa falta de neutralidade da documentação leva muitas vezes a explicações monocausais e lineares.” (LEVI, 2006, p. 173). Por isso, nos questionamos: como apresentar Ademar Vidal sem cometer o erro de enquadrá-lo em uma única vertente ou sobre uma face constante, seja no cenário intelectual ou demais espaços de suas vivências? Como pensar o escritor, folclorista ou procurador da República sem refletir sobre o homem, o pai, o sujeito? Sem considerarmos seus desejos ao ampliar discussões culturais em suas produções ou a própria construção de si no plano intelectual, ou até mesmo nas dificuldades enfrentadas ao longo das fases.

Narrar momentos e histórias da intimidade familiar não é tarefa fácil. Sobretudo quando o sujeito principal dessa produção foi alguém de tantas vivências públicas, um sujeito que circulou em diversos espaços e cenários, atuando em cargos formais, enquanto dedicava suas madrugadas a outro ofício: o de escritor. Alice Vidal em seu livro *Ademar Vidal: para não esquecer* (2010), faz o exercício de rememoração na intenção de homenagear ao pai, relatando momentos pessoais e familiares ao lado do mesmo. Desta forma, indagamos: quem foi Ademar Vidal segundo Alice Vidal? E como essas percepções sobre o sujeito contribuem para entendermos suas atuações enquanto intelectual e escritor? Como as observações da filha sobre suas vivências cotidianas nos ajudam a perceber o sujeito que narra uma versão sobre a Paraíba em sua obra?

Para entendermos as rememorações, partimos da intenção da autora ao elaborar o livro: “Este livro é um tributo a meu pai, Ademar Vidal, e minha proposta aqui é escrever tudo o que sei dele, tudo o que vi nele e o que vivi com ele.” (VIDAL, 2010, p. 9). Evidencia-se na referida epígrafe e no próprio título do livro o desejo de rememorar a imagem do pai, partindo da intimidade para demonstrar que Ademar Vidal deve permanecer vivo na memória nacional.

A memória caracteriza-se por se tratar de processos contínuos de edição, permitindo uma reelaboração e reinterpretação dos momentos registrados. De forma particular, a elaboração de uma memória vidaliana por parte de Alice Vidal é reflexo do próprio momento de rememoração.

Aleida Assmann (2011, p. 20) aponta que “[...] a memória é um fenômeno que nenhuma disciplina pode monopolizar. [...] não é transdisciplinar somente no fato de que não pode ser definido de maneira unívoca por nenhuma área; dentro de cada

disciplina ele é contraditório e controverso.” Assim, não há uma única compreensão do conceito, mas formas de defini-lo de acordo com as concepções que se deseja atribuir como suas funções.

Sobre recordar, a autora afirma que: “[...] os processos de recordação ocorrem espontaneamente no indivíduo e seguem regras gerais dos mecanismos psíquicos, no nível coletivo e institucional esses processos são guiados por uma política específica de recordação e esquecimento” (ASSMANN, 2011, p. 19).

Ainda:

A recordação procede basicamente de forma reconstrutiva: sempre começa do presente e avança inevitavelmente para um deslocamento, uma deformação, uma distorção, uma reavaliação e uma renovação do que foi lembrado até o momento da sua recuperação. Assim, nesse intervalo de latência, a lembrança não está guardada em um repositório seguro, e sim sujeita a um processo de transformação. (ASSMANN, 2011, pp. 33-34).

Evidencia-se que a memória não depende de meios ou lugares fixos para se estabelecer e se preservar, estando em construção no momento em que é chamada à tona. Ao iniciar o processo da recordação, o indivíduo inicia também um processo de elaboração, de transformação e ressignificação.

De acordo com Le Goff (1990, p. 476), “[...] a memória é um instrumento e objeto de poder.” A partir dela são expressas percepções e crenças. São fundamentados discursos que pretendem ser verdadeiros ou legítimos, justamente por projetar sobre a *memória* o caráter testemunhal do passado, como se a mesma não passasse por um processo de elaboração. Como aponta Michael Pollak (1992), a memória é *construída* e *seletiva*. Ela decorre de um momento de produção, de indagações presentes e também pode atuar na consolidação de discursos sobre um acontecimento ou um sujeito. A vinculação ao passado não se dá em forma de reviver, mas como meio de conectar e elencar as percepções sobre os acontecimentos. A memória definitivamente não é ingênua ou natural.

O que autoriza o seu discurso é o testemunho, que “[...] deve ser entendido tanto como a apresentação do ponto de vista de um terceiro [...] como também deve ser abordado como a tentativa de se apresentar *uma experiência que resiste a esta apresentação*.” (SELIGMANN-SILVA, 2009, p. 131, grifo do autor). Neste caso, lidamos com as vivências familiares, em particular, da filha Alice, que narra essa intimidade familiar na pretensão de “fixar” essas experiências. Sendo assim, “O

testemunho é uma modalidade da memória.” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 73), trata-se de um discurso pautado em uma percepção sobre o visto ou vivido.

Para Seligmann-Silva (2010, p. 5):

Devemos aceitar o testemunho com o seu sentido profundamente aporético de exemplaridade possível e impossível [...] minha proposta é entender o testemunho na sua complexidade enquanto misto entre visão, oralidade narrativa e capacidade de julgar: um elemento complementa o outro, mas eles relacionam-se também de modo conflituoso. O testemunho revela a linguagem e a lei como constructos dinâmicos, que carregam a marca de uma passagem constante, necessária e impossível entre o ‘real’ e o simbólico, entre o ‘passado’ e o ‘presente’.

Assim, partimos das versões de Ademar Vidal, primeiramente a partir da filha, compreendendo que essas visões e falas partem de um contexto singular pela familiaridade dos sujeitos, pelas possibilidades de perceber e caracterizar o sujeito e também pela edição dos olhos de uma filha sobre o pai. O testemunho é carregado de mensagens e sentidos, nos revelando muito sobre quem é produzido e quem produz. Embarcamos nesses sentimentos despertados ao longo das narrações em decorrência da própria ausência de Ademar Vidal, visto que se trata de um livro publicado e elaborado posteriormente ao seu falecimento.

Também nos inclinamos sobre outras formas de testemunho que contribuíram na elaboração de versões sobre este sujeito. Assim, trilhamos por seu processo de elaboração intelectual, trajetos e escolhas que marcaram e singularizaram sua produção folclórica. Sendo assim, utilizamos ainda a tese da professora Maria Nilza Barbosa Rosa, principalmente por seu caráter científico e por apresentar dados e informações sobre os trajetos vidalianos intelectuais e de produção.

### *Trajetos e Vivências: Breves Considerações*

Ademar Victor de Menezes Vidal foi um paraibano que nasceu em 07 de outubro de 1897, na atual João Pessoa-PB. Filho de Francisco de Assis Vidal, que possuía alguns jornais que foram incendiados por motivações políticas, e Amélia Augusta de Menezes Vidal, ambos pertencentes a elites locais<sup>1</sup> Vidal, circulou entre as principais instituições acadêmicas e intelectuais da Paraíba.

O contato de Ademar Vidal com a imprensa de maior circulação ocorreu para ajudar financeiramente em casa, trabalhando durante anos na redação do periódico *A União*, órgão estatal. Ele colaborou nos principais jornais da Paraíba, fundando, inclusive, uma revista: *A Novella* (1922), juntamente com Antenor Navarro. A revista possuiu vários colaboradores nacionais e estrangeiros. Foi a partir dela que Vidal publicou seu primeiro livro: *A Fome* (1922). No entanto, o periódico não sobreviveu em decorrência dos gastos das publicações, como aponta Maria Nilza Barbosa Rosa (2006, p. 33):

Para os idealizadores de *A Novella*, Ademar Vidal e Antenor Navarro, ‘um dos principais objetivos é interferir modesta e lealmente na educação intelectual da nacionalidade’. Percebe-se aí o esforço da conquista de Vidal e de Navarro, da possível recepção do público-leitor. Na palavra de Ademar Vidal, *A Novella* é ‘a precursora no Nordeste, do Movimento Modernista promovido em São Paulo’. A revista marcou época nos anais do jornalismo da capital, pela sua feição literária [...].

Assim, a revista tinha como proposta divulgar o movimento modernista que alvoroçava e agitava o âmbito literário na década de 1920, tendo como principal representante Mário de Andrade que, ao visitar a Paraíba, foi acolhido por Vidal.

No âmbito pessoal, em 1926, na igreja da Candelária, no Rio de Janeiro, foi celebrado o casamento de Ademar Vidal e Maria do Céu Lins Vidal. Um romance testemunhado, como apresentou Alice Vidal (2010), por José Lins do Rego, que os acompanhava quando criança ao cinema, e simbolizado por cascas de laranjas, pois Maria do Céu “[...] secretamente escrevia bilhetes para ele nas cascas de laranjas. Ela mesma descascava. E para disfarçar [...] arrumava a casca bem colada à laranja, não deixando vestígio de que ela fora tocada nem de seu gesto de amor escondido.” (VIDAL, 2010, p. 14). O casamento possibilitou uma relação com a família Lins, Vidal visitou algumas vezes a fazenda da família da esposa e coletou material para trabalhos de âmbito cultural, publicando parte dessa produção no periódico *Brasil Açucareiro*.

O casal teve cinco filhos, entre eles Alice Vidal que elaborou o livro sobre o pai. No livro ela destacou a relação dos pais, o pedido de casamento e um episódio que a deixara paralisada: após a comemoração das Bodas de Diamante, “[...] encontrei-o de mãos dadas com mamãe. Ele deitado no sofá de seu gabinete e ela sentada na cadeira ao lado. Pareciam dois namorados.” (VIDAL, 2010, p. 52), pois ela declarou nunca ter presenciado aquela cena. Logo, o pai tratou de responder: “[...] nunca pensei que isto

fosse tão bom, perdi muito tempo sem namorar sua mãe, ficando assim com ela. Vou aproveitar este restinho, antes de morrer.” (VIDAL, 2010, p. 53). Maria do Céu dividira o esposo com as constantes viagens nacionais e internacionais, realizadas por Ademar Vidal em decorrência dos cargos desempenhados ao longo da vida.

Vidal atuou no cenário político da Paraíba, principalmente na década de 1930, sendo um dos propulsores da literatura sobre a chamada *Revolução de 1930*<sup>2</sup>, além de produzir textos memorialísticos sobre os políticos João Pessoa e Epitácio Pessoa, e até uma biografia de Augusto dos Anjos. A política foi um tema de destaque em sua obra, sendo, inclusive, comentarista político em alguns jornais, o que também lhe gerou problemas e adversidades políticas. Isso resultou na desvalorização ou desconsideração do mesmo e de sua obra na Paraíba, o que se caracteriza pelas poucas produções acadêmicas sobre ele e seus escritos. Como aponta Rosa (2006, p. 10), tornando-se um obstáculo:

[...] quando iniciamos a pesquisa na Academia Paraibana de Letras e um dos funcionários disse-nos para pensar bastante, se compensaria pesquisar sobre um autor que não é benquisto na Paraíba. Naquele momento nada entendemos; algum tempo depois percebemos que ainda se tratava de resquícios, possivelmente da Revolução de 30 na Paraíba.

Em decorrência da formação na área do direito, desenvolveu uma carreira jurídica, exercendo, por exemplo, o cargo de Secretário de Segurança na Paraíba. Para desempenhar o cargo de Procurador da República, em 1944, mudou-se para o Rio de Janeiro, facilitando o contato com renomados escritores da época e com algumas autoridades.

Vidal costumava incentivar os filhos a ler e aventurar-se no mundo das letras, presenteando-os com obras clássicas, como *Os Lusíadas*, de Camões<sup>3</sup>. Atribuía ao constante hábito de ler e escrever como provedores dos espaços e cenários desfrutados. Ao mesmo tempo, mantinha os livros “impróprios” como aponta a filha, na parte mais alta da estante. Embora, em nome da curiosidade, ela bisbilhotava e assustava-se com as cenas descritas.

Dentre os costumes praticados, estava o de passear após o jantar à praia de Copacabana, geralmente acompanhado por um dos filhos e em seguida iam ao Copacabana Palace para degustar um sorvete. Os filhos participavam dos eventos públicos, indo aos almoços com autoridades e frequentando os espaços nos quais o pai

trabalhava e atuava. Nesta lista de contatos estava Assis Chateaubriand, compadre, proprietário dos *Diários Associados* e do periódico *O Jornal*, tendo como um colaborador assíduo Ademar Vidal. Além disso, havia outras figuras com quem mantinha contato, como Mário de Andrade e Câmara Cascudo.

Foi nesse cenário de encontros, afetividades e intelectualidade que viveu Ademar Vidal. Nele, o público e o privado misturaram-se nos hábitos cotidianos. Partilhava seus gostos literários com os filhos, incentivava e os conduzia às manifestações de uma vida pública. O mesclar de personalidades esteve também na memória dos filhos, afinal todas as faces pertenceram a Vidal, o homem que saiu da sua terra natal e que perpetuou suas vivências como forma de homenagear esse espaço e estabelecer seu sentimento de pertencimento. Portanto, compreendemos o sujeito e percebemos que os espaços circulados foram fundamentais para a elaboração dessas faces, e sobre esses espaços nos inclinamos.

*O “Tributo” ao Pai: Ademar Vidal Segundo Alice Vidal*

**Figura 1: Fotografia de Ademar Vidal em seu gabinete (s.d.)**



Fonte: VIDAL (2010, p. 25).

O ambiente retratado na fotografia era o “pedacinho do céu”. Ao menos, foi assim intitulado por Alice Vidal o gabinete do pai, Ademar Vidal, o sujeito rodeado por estantes carregadas de livros. Podemos observar na figura 1 diversos materiais espalhados. A desordem sugere uma contínua movimentação, o mexer constante nos

arquivos. Ao lado da poltrona, pastas empilhadas com inéditos. Ao centro da foto nos deparamos com um indivíduo com trajes formais, evitando o contato direto com quem está fotografando-o, quase como se quisesse fazer parte da paisagem registrada, algo natural e, ao mesmo tempo, o centro desse cenário. A intenção de naturalizar essa cena demonstra um perfil, o intelectual. A intenção da foto está em retratar um sujeito em seu hábitat, o intelectual em seu espaço de produção, local no qual essa face parece “frutificar”.

Essa autoria se revelava no isolamento de seu gabinete, reservado ao homem público, o procurador e escritor. A máquina de escrever era sua companheira de horas. A datilografia, efetuada em alta velocidade por apenas dois dedos ecoava, permitindo saber que naquele momento era inadmissível a interrupção. Em decorrência dessa rotina noturna, tomava o café da manhã por volta das dez horas, mantendo o costume de comer a macaxeira, que tanto lembrava a Paraíba, distante fisicamente desde 1944, quando se mudou com a família para o Rio de Janeiro-RJ. Uma característica pessoal destacava-se até mesmo à mesa, o rigor, já que todos(as) deveriam estar com camisas de manga. Ainda, mantinha o hábito de corrigir os filhos ao utilizarem um vocabulário diferente daquele ensinado e que reafirmava um pertencimento. Desta forma, “aipim” e “abóbora” não deveriam ser pronunciadas para substituir os termos macaxeira e jerimum. Se isso ocorresse o mesmo questionava se haviam esquecido as “raízes” (VIDAL, 2010).

Os hábitos destacados pertenceram, segundo sua filha, ao sujeito Ademar Victor de Menezes Vidal que escreveu um livro memorialístico sobre o pai, no qual relata os hábitos narrados anteriormente. A escrita elaborada por Alice Vidal é enfatizada pela própria dor da perda paterna, o que caracteriza o registro da saudade ao longo do livro. Esse sentimento destaca-se em muitas passagens do texto, tornando-se um elemento importante na própria rememoração, já que o momento de produção ocorre após o falecimento do pai. As narrativas também possuem o caráter de homenagem, de enaltecimento de lados positivos e dos atos tidos como importantes em sua trajetória. Como podemos analisar no trecho destacado:

Cinco horas da tarde. Ah, meu Deus! Esta era a hora de nossas confidências, naquele gabinete que só falta falar, pois é a sua cara, tem o seu cheiro, o seu jeito. A sua escrivaninha, os seus livros ainda por editar, uma pilha enorme, quanto trabalho, quanta preciosidade. Só desejo que não se perca no tempo a sua obra, de tamanha sabedoria. (VIDAL, 2010, p. 70).

A partir do trecho elencamos algumas caracterizações associadas ao sujeito descrito, como o espaço do gabinete que remete ao homem e suas atividades cotidianas desempenhadas. O horário de confidências nos evidencia a própria relação afetiva entre ambos. A filha reconhece nesse espaço o pertencimento do escritor, que se isolava na produção intelectual, mas que também cultivava naquele ambiente momentos de lazer e de partilha. A intelectualidade é uma característica evidenciada até em momentos de recordações de convívio privado, como elemento construtor, tido como “naturalmente” pertencente ao pai.

É possível perceber certo ressentimento pela ideia de não ter alcançado o reconhecimento almejado para o pai. Por isso, há um constante enaltecimento de suas vivências públicas para corroborar a singularidade da obra e do sujeito. As narrativas caracterizam-se por serem curtas e sem uma sequência cronológica. Enaltecendo, juntamente com depoimentos dos demais irmãos, a figura paterna. A autora declara-se uma observadora constante dos “hábitos cotidianos” do pai (VIDAL, 2010, p. 23).

O uso da memória como ferramenta de propagação de uma visão e versão vidaliana, ao mesmo tempo, fortaleceu a construção da figura paterna para a autora, já que a memória faz parte da formulação de identidade (LE GOFF, 1990). Inclusive enquanto inspiração literária, já que o costume de observar o pai e sua produção, juntamente com o seu incentivo, a orientam para o ramo literário.

Com efeito, a autora em suas narrações parte dessa ausência paterna, perpassando pela formação intelectual do pai como ferramenta importante no processo de tornar uma figura privada em pública, enaltecendo a relação amorosa com a mãe, evidenciando o metódico escritor e o pai com quem desabafava, mantinha uma relação afetiva tão evidente que produzira uma obra para lembrá-lo.

Alice Vidal aponta como essa relação com o pai foi construída, estando em constante contato com a sua produção e ajudando-o com as correspondências: “Quem tomava conta de sua correspondência, especialmente quando se aposentou, era eu. E, na época do seu aniversário e das festas de fim de ano, ele me entregava a tarefa de responder e enviar cartões e cartas aos seus amigos.” (VIDAL, 2010, p. 23). A interação e afetividade entre eles foi compreendida pela filha, justamente, em decorrência da proximidade:

De todos os filhos, a que teve maior convivência com ele fui eu, talvez por ser a filha mais velha. Por isso, acho que tem sido mais doloroso, para mim, suportar a sua ausência. Por outro lado, essa é uma das razões pelas quais me considero privilegiada. Porque sentia e compreendia o que diziam seu olhar e seu sorriso. Das filhas, a que mais se parecia fisicamente com ele era eu. Daí, todos dizerem que ele tinha uma preferência por mim. Não sei ao certo se isto é verdade, mas havia entre nós um entrosamento absoluto. E ele ainda dizia que eu lembrava minha avó Amélia, sua mãe. (VIDAL, 2010, p. 75).

Sob essas insígnias do testemunho e da memória, Alice Vidal toma para si a missão de dar continuidade à obra vidaliana através da publicação dos inéditos, como evidencia no trecho: “[...] temos que tornar a ausência em presença.” (VIDAL, 2010, p. 76). Com esse fim, após o falecimento do pai, em 1986, ela enviou cartas para o então governador da Paraíba, Tarcísio Burity, e sua esposa, Glauce Burity. No entanto, não foi possível a publicação dos inéditos.

Diante dessas elaborações e interpretações sobre Ademar Vidal, podemos evidenciar ou elencar alguns pontos. As vivências do homem público estiveram evidentes na vida privada, mesclando as próprias lembranças dos espaços circulados. Perceber esse sujeito enquanto intelectual e não tentar compreender o homem, a partir de seus hábitos e do relacionamento com os filhos, é deixar uma lacuna para a própria compreensão de sua produção. Dessa forma, ao lembrar-se das broncas do pai por utilizar termos que não faziam parte do vocabulário nordestino, por exemplo, Alice evidencia como Ademar Vidal tentava preservar vivências e hábitos de sua terra natal, tão enfatizada em sua obra e em sua vida, ao menos sob uma versão elaborada, vivida e percebida por este sobre a Paraíba. Cabe-nos então apresentar alguns trajetos. Nossa intenção é abordar algumas experiências e caminhos trilhados, perpassando por hábitos e costumes.

Segundo Alice Vidal (2010), Ademar Vidal foi um sujeito que trilhou diversos espaços e cenários, permitindo-se uma mescla de vivências entre o público e o privado. Desta forma, de um lado as múltiplas atuações como procurador da República, escritor aplicado e metódico, o intelectual que recebia visitas ilustres, como autoridades, além dos encontros com sujeitos destacados no cenário literário, e de outro o pai com quem Alice tinha momentos simples, de caminhadas à praia e também de desabafos, mantiveram-se como faces do mesmo sujeito.

Alice, provavelmente, aprendeu muito cedo que “aquelas” versões pertenciam ao mesmo sujeito, não havendo necessidade de separá-los. Embora, como a mesma aponta,

o pai: “Não admitia que entrassem pela manhã no seu gabinete, quando estava trabalhando. Ficava brabo quando o interrompiam. Também o respeito aos costumes alheios era uma norma que seguia à risca.” (VIDAL, 2010, p. 24). O gabinete marcava o “espaço” do homem público, dedicado ao escritor. O espaço também era capaz de estabelecer um tempo e marcar a necessidade de isolamento do sujeito, visto que naquele momento, a face do homem de letras se sobressaía.

Alice Vidal (2010) elabora uma *memória oficial*<sup>4</sup> perpassada por significados, ao elencar trajetórias pessoais, dotada de autoridade por se tratar de uma guardiã da memória paterna. Segundo Ângela de Castro Gomes, um guardião da memória “[...] tem como função primordial ser um ‘narrador privilegiado’ da história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar.” (GOMES, 1996, p. 7). Além desse testemunho pessoal, expressado pelas lembranças e narrativas de seu livro, Alice Vidal foi responsável por decidir os últimos detalhes do velório e produziu o inventário dos bens do pai, “o primeiro e único cliente.” (VIDAL, 2010, p. 64) em sua curta carreira de advogada, além disso ela organizou sua biblioteca, doando a obra e produções inéditas ao IHGP.

Esse processo reafirmou a imagem da figura paterna para Alice, seus olhos ficaram apurados pelas ações que representavam esse homem intelectual e pela contribuição em sua formação pessoal. Através de suas narrativas e ações, a filha procurou homenagear tudo o que Ademar Vidal significou para ela:

Cada vez que eu conseguia esvaziar um pouco mais a biblioteca no primeiro cômodo da casa, levava comigo a saudade e toda sua figura de um homem essencialmente intelectual. Quando voltava no dia seguinte, iniciava tudo de novo. Um verdadeiro processo espiritual, como se tivesse que reconquistar o vazio que encontrava naquele ambiente. Sentia um pânico indescritível, uma incapacidade de concluir aquela tarefa tão árdua para mim. Era como se eu fosse obrigada a ver o meu próprio desaparecimento. Que confusão de sentimentos. (VIDAL, 2010, p. 64).

Essa despedida, além do lado afetivo, também significou a perda de um incentivador de sua carreira literária. Apesar de continuar escrevendo, o seu maior apoiador não estava mais ali para os conselhos e conversas das 17:00 horas da tarde. Assim, ao mesmo tempo em que esta alicerça um espaço para o pai, evocou para si o papel de guardiã dessa memória familiar. Esse processo também é autobiográfico, visto que são

elencados momentos seus ao lado do mesmo. Rememorar e narrar o pai, permitiu a Alice escrever-se e vice-versa.

### *A Construção do Intelectual: Entre a Efervescência Política e Instituições de Sociabilidades*

A elaboração intelectual pauta-se em processos de vivências e sociabilidades que se desenrolam ao longo de uma trajetória, perpassando por uma atuação pública que gera o reconhecimento do sujeito dentro dessa categoria. A própria atuação e contribuição política, ideológica e/ou literária são fundamentais nesse processo, pois qualificam e autorizam a utilização desta titulação. Como aponta Ângela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen (2016, p. 10), os intelectuais são produtores “[...] de conhecimentos e comunicação de ideias...”, estabelecendo relações e atuações que transbordam sobre seu meio social. Por isso, estão fortemente vinculados ao espaço “político-social”.

Ainda, em decorrência dessa circularidade de ideias e espaços, “[...] tais sujeitos podem e devem ser tratados como atores estratégicos nas áreas de cultura e da política que se entrelaçam, não sem tensões, mas com distinções, ainda que historicamente ocupem posição de reconhecimento variável na vida social.” (GOMES, HANSEN, 2016, p. 10). Jean-Jacques Sirinelli (2003, p. 235) define o *intelectual* enquanto um “ator do político”, pertencente a uma elite simbólica, primeiramente, portadora de um espaço de atuação em seu meio social.

Sob essas caracterizações, refletimos os trajetos vidalianos na elaboração e reconhecimento intelectual. Pretendemos apontar alguns elementos que colaboraram e permitiram essa construção intelectual em Ademar Vidal. Para isto, partimos de cenários que proporcionaram uma circulação em redes intelectuais, destacando três contextos importantes nesse processo: a atuação política e produção literária nesse âmbito; ativa colaboração em periódicos sobre diversas temáticas (como atualidades das épocas dos escritos sobre os momentos marcantes nacionais e internacionais); e a presidência do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP), do início a meados da década de 1940.

Esses espaços permitiram uma *sociabilidade*, encontros, divulgação e propagação de seu trabalho literário. E são fundamentais para localizar a obra vidaliana, bem como os enredos que marcaram suas diversas abordagens e os contextos de

divulgação e até de silenciamento. Também para a ampliação e direcionamento ao âmbito cultural, captado através de encontros eruditos e percepções sobre seu próprio espaço. Desta forma, evidenciamos como essas experiências foram importantes para a elaboração e ampliação intelectual de Vidal. Por isso, interações sociais estão presentes, seja na forma, nas linhas ou entrelinhas dos seus escritos.

Essa sociabilidade pautou-se na organização de um grupo intelectual em “[...] torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver.” (SIRINELLI, 2003, p. 248). Esses grupos passaram a formular “redes” que estruturam essas relações sociais a partir de projetos, cenários e espaços de atuações.

Assim, pensar os trajetos também é perceber os espaços de formação escolar/acadêmica. Vidal foi filho de uma elite simbólica dotada de privilégios e com discursos autorizados, afetada por problemas financeiros, em decorrência dos incêndios dos jornais que pertenciam ao seu pai, assim algumas estratégias foram formuladas para contornar essa decadência capita. A “[...] única possibilidade de reconversão depende das possibilidades de fazer valer o capital de relações sociais [...]” (MICELI, 2001, p. 23). Essas estratégias partem da inserção em espaços que permitem uma aproximação social. O que pode ser percebido pelas próprias instituições frequentadas por Vidal no início do século XX, como o Liceu paraibano e a Faculdade do Recife, onde cursou Direito, tradicional às elites da época.

Dentre essas vivências, destacamos os cargos ocupados na área jurídica como Procurador da República no Estado da Paraíba durante o governo de Sólton Barbosa de Lucena (1920-1924), além de exercer as Secretarias de Interior e Justiça, e Segurança no governo de João Pessoa (1928-1930). Ainda, após a chamada “Revolução de 1930”, foi designado para a função de consultor jurídico da Comissão de Reparações de Guerra. Em decorrência da sua atuação no setor jurídico e político, Vidal proferiu diversas conferências no País e no exterior, acerca de assuntos jurídicos, sociais e políticos, assim, percorrendo os continentes europeu e americano, entre outros lugares. Participou ainda de reuniões da Organização das Nações Unidas (ONU).

Ao mesmo tempo em que desempenhava essas funções, o hábito de escrever persistia, inclusive influenciando uma parte da sua obra, fortemente vinculada à política e aos lugares percorridos, como *Europa* (1949), *Mundo livre* (1945), *Espírito de Reforma* (1945), entre outros. Outra temática de destaque, principalmente até na primeira metade do século XX, foi a chamada “Revolução de 1930”, tratada como um

momento de renascimento político do Brasil, além do enaltecimento da figura de João Pessoa, que desponta como figura central de alguns trabalhos. Destacam-se sobre esses temas: *O incrível João Pessoa* (1931), *O grande Presidente* (1931), *História da Revolução na Paraíba* (1933), *Recordações sentimentais de Epitácio Pessoa* (1942), *Epitácio Pessoa ou o sentimento de autoridade* (1942), além de colaborações em periódicos da época<sup>5</sup>.

As produções abrem espaço para Ademar Vidal no cenário literário da Paraíba. Em decorrência dessas interações sociais, colaborou também para os periódicos *Brasil Açucareiro* e *Cultura Política*, ambos vinculados ao Estado. Essa divulgação ideológica do regime vigente na época é resultado de uma estratégia do próprio Estado, de cooptar esses intelectuais para fortalecer a própria estrutura do poderio. Como aponta Sergio Miceli (2001, p. 197): “[...] os intelectuais recrutados pelo regime Vargas assumiram as diversas tarefas políticas e ideológicas determinadas pela crescente intervenção do Estado nos mais diferentes domínios de atividade.”

Podemos perceber como a pluralidade de atuação e elaboração dos escritos vidalianos manteve ligações com o momento de interligação das classes intelectuais com o Estado. Na Paraíba, Ademar Vidal encontrava-se nos altos cargos, exercendo uma atuação contínua, até mudar-se para o Rio de Janeiro, onde continuou atuando na área jurídica. Ainda, como destaca Miceli (2001, p. 210), o “[...] traço mais característico da contribuição dessa elite intelectual e burocrática reside nas diversas frentes em que desdobrava sua atuação política e cultural.” Assim, ser uma figura ativa nesse cenário significou uma múltipla performance, uma circularidade de ações e ideias, além da propaganda sobre o Estado.

Estamos diante também de uma prática intelectual na qual ideologias e concepções de mundo vincularam-se aos seus escritos na elaboração de uma historiografia, ou de uma história nacional, como aponta Ângela de Castro Gomes (1996, p. 37-38) sobre essa geração:

[...] a maioria nascida no último terço do século XIX e desaparecida nas décadas de 20 e 30. Homens, por conseguinte, cuja maturidade intelectual foi alcançada no momento da virada do século. [...] Em tese [estes são] todos aqueles que produziram na área dos ‘estudos históricos’ [...] O ofício de historiador era executado por uma categoria mais abrangente de intelectuais: a dos ‘homens de letras’.

Ademar Vidal fez parte desse grupo intelectual que pensou o Brasil, seja a partir de recortes espaciais voltados aos seus lugares de pertencimento, ou pensando as singularidades nacionais que também se somavam com os projetos do Estado. Por isso havia a interação entre o poder político e os intelectuais. Esses “homens de letras” utilizaram como matéria prima para desenvolver suas produções, os registros, documentos diversos e observações de práticas culturais na intenção de elaborar uma história e cultura oficiais.

Nesse perfil intelectual, ainda evidenciamos dois elementos fundamentais para a atuação, permanência e propagação de escritos, bem como para a própria elaboração e reconhecimento desses sujeitos: as instituições de diversos âmbitos, principalmente de vínculos com estudos culturais, pesquisas etnográficas e literárias; e a imprensa, como veículo de divulgação de forma mais rápida e econômica, em comparação com as publicações de livros.

A imprensa desempenhou um papel central por permitir aos intelectuais, uma presença constate em colunas e colaborações exclusivas sobre diversos temas, principalmente a conjuntura sócio-política. Para Miceli (2001, p. 17): “Em termos concretos, toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa, que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais.” O cenário das letras mostrou-se como um catálogo de produções, além de permitir a formulação das “redes” intelectuais.

Ademar Vidal também atuou nessas corporações culturais, tanto na imprensa paraibana como em periódicos de outros estados, em destaque estavam: *A União*, *O Jornal*, *Diário de Pernambuco*, entre outros. Também colaborou com revistas internacionais, como aponta Itapuan Bôtto Targino, em *Ademar Vidal & Raul de Goes* (1996), sua colaboração para as revistas: *Atlântico* (Portugal), *Ocidente* (Espanha) e *Pretexto* (França). A imprensa permitiu uma “fermentação intelectual”, contatos e trocas de erudições que marcaram essas trajetórias, também construindo nesses grupos “uma matriz em comum” (SIRINELLI, 2003, p. 247 e 249). Além de outras características, como a formação e o lugar social, que marcaram uma geração.

No cenário paraibano, uma entidade que fez parte desse histórico de consolidação e elaboração intelectual foi o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP). Ao qual Ademar Vidal se vinculou em 14 de julho de 1926. Ele desempenhou a função de presidente, sendo eleito em 1941 e reeleito, atuando até 1944.

O IHGP foi fundado em 7 de setembro de 1905, sua finalidade pauta-se em investir e gerar “[...] estudos, pareceres e pesquisas de história e geografia, bem como suas ciências auxiliares e correlatas, contribuindo para um melhor conhecimento da realidade paraibana sob os aspectos histórico, geográfico, político, social e econômico.” (INSTITUTO, s/d). Segundo Luiz Hugo Guimarães, presidente do Instituto entre 1995 a 2009, o “[...] Instituto Histórico é o guardião da Memória Paraibana.” (GUIMARÃES, s/d), isso em decorrência do investimento de divulgação e construção de um discurso, não apenas para apresentar, como também no intuito de definir a Paraíba e sua identidade.

A historiadora Margarida Maria Dias de Oliveira (2011) evidencia que o Instituto inicia sua atuação a partir da dissociação da Paraíba do estado pernambucano, assim, “[...] além da organização das fontes e outras tarefas tidas como importantes, o objetivo maior era de escrever a história da Paraíba. Quando a isso se adicionava o fato de ser escrita pelos próprios paraibanos, a relevância do objetivo era multiplicada.” (OLIVEIRA, 2011, p. 39). Em relação aos fundadores e membros, havia um perfil comum. Além de manterem contato direta ou indiretamente com cargos políticos, também partilhavam de uma formação. Assim, o Liceu Paraibano, a Faculdade de Direito de Recife, os cargos burocráticos e a imprensa marcavam essa geração do início do século XX, que atuava no IHGP enquanto porta voz de um discurso paraibano (OLIVEIRA, 2011).

O Instituto carregava para si, desde então, a missão de definir uma *paraibanidade*, pautada nos elementos característicos do seu povo, passando a abrigar diversos documentos sobre o estado. Consta na página oficial do Instituto, que o mesmo possui cerca de 30.000 títulos (IHGP, s/d). Desta forma, ele se constrói como detentor de uma história oficial pela própria instituição física, abrigando inclusive o acervo de Ademar Vidal, doado pela família. Outro mecanismo de divulgação e propagação desses discursos foi através dos periódicos da entidade, com a publicação constante de livros, como os exemplos do primeiro tópico.

### *Considerações Finais*

Esses espaços e cenários não apenas possibilitaram a divulgação de uma obra ou sujeito, mas também foram detentoras de possibilidades que atuaram e influenciaram na elaboração de um intelectual. Ademar Vidal circulou entre gabinetes, adentrou o

Instituto, subiu e desceu as escadas que lá estão. Foram madrugadas depositando na máquina de escrever suas observações, partilhas, ensejos, travando para si muitos trajetos, em partes pela carreira jurídica, principalmente, pelas relações estabelecidas.

Ele fez parte de uma geração que tinha a necessidade, fruto do próprio momento histórico, de escrever o Brasil, de expor seus espaços de pertença, de partilhar suas versões. Entendemos esse sujeito enquanto um “ator político” em constante efervescência, buscando espaço, construindo-se. As múltiplas atuações intelectuais, formas e perfis foram elaborados diante das necessidades da época e espaço de cada geração, originando novas atividades interligadas às interações intelectuais. Como podemos observar nos vários espaços circulados por Ademar Vidal, conciliando com sua carreira profissional.

Em uma carta datada de 15 de agosto de 1977, enviada ao potiguar Luís da Câmara Cascudo, Vidal relatou como a carreira jurídica tornara-se uma necessidade diante das dificuldades econômicas, ao invés de uma carreira exclusivamente intelectual: “Desde 1923 que fui obrigado a abraçar o foro com suas terríveis implicações jurídicas tão contra meu gosto. Exerci funções públicas a ele ligadas intimamente. Que jeito? A pobreza do nosso Nordeste tem obrigado a muitos se dedicarem a posições não de seu agrado.” (VIDAL, 1977, s.p). No momento da escrita, ele já estava com 80 anos, evidenciando uma bagagem e uma carga de análise dos seus feitos ao longo da vida. Como o mesmo explica, muitos de sua geração necessitaram permanecer nessas variadas atuações profissionais, vinculando-se aos cenários jurídicos e políticos, porém permanecendo com as produções pessoais.

Compreendemos que o folclorista também é uma formulação intelectual, tendo em vista não apenas o perfil de quem elaborava os estudos culturais, mas também as motivações inseridas nas pesquisas e nos escritos folclóricos. O contexto histórico-social da década de 1940 foi um dos propulsores nessas diversificadas atuações profissionais e intelectuais, que marcaram a geração nascida no final do século XIX. Assim, o folclorista foi uma ferramenta de expansão e formulação de discursos intelectuais.

Como observou Albuquerque Júnior (2013, p. 127) “[...] o folclorista, em nossa sociedade, estaria longe de se ser um especialista, mais sim um profissional que transita por distintos campos do saber e por distintas profissões [...]”. Assim, partindo primariamente de uma formação erudita e intelectual, tendo suas ações valorizadas pelo Estado, nas décadas de 1930 e 1940, por investir em um discurso identitário,

valorizando e criando Brasis. Nesse trajeto de produção, Ademar Vidal atuou fortemente em instituições que valorizaram o discurso folclórico e a elaboração de uma identidade local e nacional, orientando sua produção e fortalecendo a construção desse intelectual enquanto representante da Paraíba.

## Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A feira dos Mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste 1920-1950)*. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-192.

GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. *Acervo - Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v.9, nº 1/2, p.17-30, jan./dez. 1996.

\_\_\_\_\_. Intelectuais, geração e sociabilidade. In: GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 33-43.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 7-37.

GUIMARÃES, Luiz Hugo. *Instituto Histórico, nossa ong cultural*. In: Instituto Histórico Geográfico Paraibano (IHGP). Disponível em: <http://www.ihgp.net/texto1.htm>. Acesso em: 21 maio. 2018.

INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO PARAIBANO. *O que é o IHGP?* João Pessoa. Disponível em: <http://www.ihgp.net/oqueeoihgp.htm>. Acesso em: 21 maio. 2019.

INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRÁFICO PARAIBANO. *Biografia de Ademar Vidal*. João Pessoa. Disponível em: <http://www.ihgp.net/memorial9.htm>. Acesso em: 12 de ago. 2016.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: \_\_\_\_\_. *História e memória*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990. p. 423-484.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-182.

MELLO, José Octávio de Arruda. *Ademar Vidal: diversidade, erudição e “entusiasmo” nos seus inéditos*. João Pessoa: Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, 1999.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. Paraíba: “heroica desde os primórdios”. *Patrimônio e Memória*. v. 7, n. 1, p. 38-53, jun. 2011.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e Identidade Social. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. v. 5. n. 10, p. 200-212, 1992.

RAMOS, Aduino. *Ademar Vidal: súmula bio-bibliográfica*. João Pessoa, 1999.

ROSA, Maria Nilza Barbosa. *Usos, costumes e encantamentos: a cultura popular na obra de Ademar Vidal*. Tese (Doutorado em Letras) - Área de concentração em Literatura Brasileira, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006. Disponível em: [http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images\\_nilzaI.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_nilzaI.pdf). Acesso em: 12 de ago. 2016.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Grande Sertão: Veredas como gesto testemunhal e confessional. Rio de Janeiro: *Alea: Estudos Neolatinos*, v. 11, n. 1, p. 130-147, 2009.

\_\_\_\_\_. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

\_\_\_\_\_. O local do testemunho. *Tempo e argumento: revista do Programa de Pós-graduação em História*, Florianópolis, vol. 2, n. 1, p.3-20, jan./jun. 2010.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

TARGINO, Itapuan Bôtto. *Ademar Vidal e Raul de Goes: personagens da história da Paraíba*. João Pessoa, 1996.

VILAS BOAS, Sergio. *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

VIDAL, Ademar. *[Carta]* Rio de Janeiro. Destinatário: Luís da Câmara Cascudo. Natal, 15 ago. 1977. 2 f. Rememorações

VIDAL, Alice. *Ademar Vidal: para não esquecer*. [S.l.]: Personal, 2010.

---

<sup>1</sup> Informações contidas na tese: ROSA, Maria Nilza Barbosa. *Usos, costumes e encantamentos: a cultura popular na obra de Ademar Vidal*. Tese (Doutorado em Letras). Área de concentração em Literatura Brasileira, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006. Disponível em: [http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images\\_nilzaI.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_nilzaI.pdf). Acesso em: 12 de ago. 2016.

<sup>2</sup> Movimento político que culminou em um golpe de Estado e ascensão de Getúlio Vargas, que se manteve no poder até 1945, a partir da instauração de uma ditadura.

<sup>3</sup> Relata Ademar Filho, que ganhou a obra com dez anos, confessa ainda que não leu, assustando-se com a quantidade de páginas do mesmo. Ver mais em: VIDAL, Alice. *Ademar Vidal: para não esquecer*. Personal, 2010

<sup>4</sup> Utilizamos esse termo no sentido de construção de um discurso oficializado a partir do próprio testemunho da filha, partindo de um lugar de privilégio. Tal produção tem como proposta marcar o pai a partir de discursos afetivos. Nos pautamos na discussão apontada por Michael Pollak no texto *Memória, esquecimento, silêncio* (1989).

<sup>5</sup> Cf. RAMOS, Adauto. *Ademar Vidal: súmula bio-bibliográfica*. João Pessoa, 1999. TARGINO, Itapuan Bôtto. *Ademar Vidal e Raul de Goes: personagens da história da Paraíba*. João Pessoa, 1996.

Artigo recebido em 24 de julho de 2020.  
Aceito para publicação em 04 de fevereiro de 2021.